

A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ESTRELA DE INHOMIRIM, MUNICÍPIO DE MAGÉ (RJ)

THE IMAGE OF OUR LADY OF THE STAR OF INHOMIRIM, MUNICIPALITY OF MAGÉ (RJ)

LA IMAGEN DE NUESTRA SEÑORA DE LA ESTRELLA DE INHOMIRIM, MUNICIPIO DE MAGÉ (RJ)

Antônio Seixas¹
antonioseixasadv@gmail.com

RESUMO

Com o presente artigo, objetivamos contextualizar o processo histórico-cultural associado à devoção a Nossa Senhora da Estrela, no Município de Magé (RJ). Para a pesquisa, a metodologia teve caráter exploratório, com base no levantamento de referências bibliográficas. Entre as fontes consultadas, os escritos de Frei Agostinho de Santa Maria (1723) e de Monsenhor Pizarro (1794). A imagem devocional analisada é uma herança da religiosidade popular colonial que mantém, no século XXI, a sua função religiosa original, ressaltando o valor histórico, artístico e cultural que lhe foi sendo agregado ao longo do tempo.

Palavras-chave: Imaginária Devocional; Nossa Senhora da Estrela; Magé (RJ).

ABSTRACT

With this article, we aim to contextualize the historical-cultural process associated with devotion to Our Lady of the Star, in the city of Magé (RJ). For the research, the methodology was exploratory, based on the survey of bibliographical references. Among the sources consulted were the writings of Frei Agostinho de Santa Maria (1723) and Monsignor Pizarro (1794). The devotional image analyzed is a legacy of popular colonial religiosity that maintains, in the 21st century, its original religious function, highlighting the historical, artistic and cultural value that has been added to it over time.

Keywords: Devotional Imagery; Our Lady of the Star; Magé (RJ).

RESUMEN

Con este artículo pretendemos contextualizar el proceso histórico-cultural asociado a la devoción a Nuestra Señora de la Estrella, en el Municipio de Magé (RJ). Para la investigación la metodología fue de carácter exploratorio, basada en el levantamiento de referencias bibliográficas. Entre las fuentes consultadas se encuentran los escritos de Frei Agostinho de Santa María (1723) y Monseñor Pizarro (1794). La imagen devocional analizada es un legado de la religiosidad popular colonial que mantiene, en el siglo XXI, su

¹ Advogado. Doutor em História pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo). Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo). Especialista em História da Arte Sacra pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Especialista em História do Rio de Janeiro pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (CEIB), do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) e do Conselho Estadual de Tombamento do Rio de Janeiro (CET).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9759646104059074>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9347-2394>.

función religiosa original, resaltando el valor histórico, artístico y cultural que se le ha ido añadiendo a través del tiempo.

Palabras-clave: Imágenes devocionales; Nuestra Señora de la Estrella; Magé (RJ).

INTRODUÇÃO

A difusão do culto à Virgem Maria na América portuguesa foi promovida mais pela construção de ermida e capelinhas por devotos populares do que pela criação de paróquias e bispedos. A maior parte das capelas construídas nos séculos XVI a XVIII tem origem na religiosidade popular. São testemunhos da fé ou ex-votos, não sendo possível sequer datar com precisão a sua construção ou comprovar a propriedade atribuída à Igreja Católica.

A colonização portuguesa do recôncavo da Baía de Guanabara, a partir de 1565, seguiu o curso dos rios Iguaçu, Meriti, Inhomirim, Suruí, Iriri, Magé, Guapimirim, Macacu e Guaxindiba, transformados no principal caminho para os primeiros sesmeiros, que investiram na produção de açúcar e na extração de madeira para abastecer a Cidade do Rio de Janeiro (Lamego, 1964).

As várias igrejas e capelas, no Município de Magé, tombadas pelo governo fluminense nos anos de 1980, a exemplo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia de Pacobaíba (séc. XVII/XVIII), são testemunhos do processo de ocupação do recôncavo. Em sua maioria, são construções voltadas para a Guanabara ou em outeiros próximos aos rios que nela desaguam (Rio de Janeiro, 2012).

Em 9 de junho de 1789, o povoado de Magé obteve a sua emancipação. Para formar o território municipal, foram desmembrados da Cidade do Rio de Janeiro as freguesias de Nossa Senhora da Piedade de Magé (sede municipal), de São Nicolau de Suruí, de Nossa Senhora da Guia de Pacobaíba e de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim (sede do distrito miliciano) e da Vila de Santo Antônio de Sá, a de Nossa Senhora da Ajuda de Guapimirim. A Vila de Magé foi elevada à categoria de cidade em 2 de outubro de 1857 (Santos, 1957).

As seis freguesias formadoras do termo da Vila de Magé colonial apontam para a preponderância das devoções marianas na região, não só pelas padroeiras Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Ajuda e Nossa Senhora da Guia, mas também pelas representações das várias invocações nas capelas rurais, sendo Nossa Senhora da Conceição a mais recorrente (em Guapimirim, Inhomirim e Suruí). Outras estão mais relacionadas à devocão familiar dos construtores, a exemplo das capelas de Nossa Senhora do Amor de Deus e de Nossa Senhora de Copacabana (Araújo, 2009).

Ao longo do curso do Rio Inhomirim foram construídas duas capelas, no século XVIII, uma dedicada à Nossa Senhora da Piedade e outra à Nossa Senhora da Estrela. A primeira passou à condição de capela curada em 1696 e foi elevada a sede paroquial em 1755, tendo a outra por capela filial. Em 1861, o pároco de Inhomirim resolveu transferir provisoriamente a sede da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim para a Capela de Nossa Senhora da Estrela, de onde foi mudada pelos franciscanos, em 1897, para Raiz da Serra (Kroker, 1946).

Uma descrição da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim foi feita, em 1778, pelo Mestre-de-Campo Bartolomeu José Vahia, do Regimento de Milícias do Distrito de Inhomirim: a freguesia produzia açúcar, aguardente, farinha de mandioca, milho, arroz e feijão, mas contava apenas com um porto para escoar a sua produção, o Porto da Estrela, onde atracavam 17 barcos. À época, achavam-se sem cultivar as 400 braças de terras que pertenciam à Capela de São Tiago (Vahia, 1915).

Monsenhor Pizarro nos informa que a Capela de São Tiago, datada de 1729, em tal estado de decadência se encontrava, em 1794, por abandono pelo proprietário da fazenda, que deu ordens para demolirem as suas ruínas, recolhendo-se as imagens sacras à Matriz de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim (Araújo, 2009).

No começo do século XIX, o arraial de Estrela (Figura 1) foi assim descrito: “[...] embora não possua muitas casas, algumas delas são insolitamente boas. A igreja fica sobre uma colina escarpada e redonda, a cerca de duzentos pés acima do nível da água” (Luccock, 1975, p. 226). Outro viajante, na mesma época, o descreve como uma “[...] pequena povoação pertencente a paróquia de Inhomirim e [que] não possui mais do que uma capela construída sobre uma elevação e dedicada a Nossa Senhora” (Saint-Hilaire, 1937, p. 12). Apesar da simplicidade do lugar, houve quem recomendasse aos estrangeiros, principalmente pintores, que o visitassem por ser onde se encontrava “[...] gente de todas as condições sociais e podem-se observar suas vestimentas originais e sua atividade barulhenta” (Rugendas, 1940, p. 25).

Figura 1 – Porto da Estrela



Fonte: Biblioteca Nacional, Porto da Estrela [Iconográfico], c. 1820.

Estrela nunca passou de um pequeno arraial, com algumas casas, o porto e a Capela de Nossa Senhora da Estrela, frequentado por viajantes e tropeiros que iam e vinham de Minas Gerais pelo Atalho do Caminho Novo (a Variante do Proença), entrando em decadência no final do século XIX. Os seus vestígios materiais foram tombados, em 2005, pelo governo fluminense: as ruínas da capela, da chamada “casa das três portas” e do porto (Rio de Janeiro, 2012).

As ruínas evidenciam que era uma capela de pequenas proporções, composta de nave, capela-mor e sacristia, reproduzindo o programa e proporções de outras capelas da região. A sua torre sineira, isolada do corpo da capela, tem seu acesso por uma escada externa. As paredes remanescentes, em alvenaria de pedra e tratamento em cantaria em todas as envasaduras, comprovam o apuro construtivo que se verifica também em relação às suas proporções (Rio de Janeiro, 1984).

Além de umas poucas ruínas, na margem do Rio Inhomirim, chegou aos nossos dias a escultura devocional de Nossa Senhora da Estrela, objeto do presente estudo, citada por Frei Agostinho de Santa Maria (1723) no tomo décimo de seu Santuário Mariano, volume no qual relacionou todas as igrejas e capelas dedicadas à Virgem Maria no Bispado do Rio de Janeiro, com base em informações enviadas a Lisboa, em 1713, pelo Frei Miguel de São Francisco, do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro.

Quando falamos em imaginária devocional, estamos nos referindo às esculturas religiosas confeccionadas, principalmente, para o nicho de altares de igrejas e capelas,

esculpidas em madeira ou modeladas no barro. Quanto à iconografia cristã, podem ser cristológicas (Cristo), mariológicas (Nossa Senhora) ou hagiológicas (Santos).

A temática mariólica reflete as várias representações introduzidas no país pela religiosidade popular e pelas ordens religiosas. Expressam diferentes momentos da vida da Virgem Maria, desde sua representação menina, acompanhada de sua mãe, Sant'Anna, passando pelo dogma da Imaculada Conceição, até a sua morte e assumpção aos céus.

Para a pesquisa, a metodologia teve caráter exploratório, com base no levantamento de referências bibliográficas. Entre as fontes consultadas, os escritos de Frei Agostinho de Santa Maria e o relatório da visita pastoral de Monsenhor Pizarro (1794), publicado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC). (Araújo, 2009).

A consulta ao Santuário Mariano revelou a existência, no começo do século XVIII, de onze representações iconográficas de Nossa Senhora da Estrela no mundo luso-brasileiro, em Belém (Santa Maria, 1707), Marvão e Monte Minhoto (Santa Maria, 1711), Covilhã, Redinha, Coimbra e São Paulo (Santa Maria, 1712), Vale do Souto (Santa Maria, 1716), Lisboa e Abrantes (Santa Maria, 1718) e Inhomirim (Santa Maria, 1723).

No texto bíblico, Maria é descrita como santa, virgem, mãe do Salvador, presente em todos os momentos importantes na história da salvação, não somente no princípio e no fim da vida de Cristo (Lc 1 e Jo 19,27), mas no começo de Seu ministério (Jo 2) e no nascimento da própria Igreja (At 1, 14). Em Portugal, o culto à Virgem Maria ganhou força no século XIV, tendo início na festa em honra à Nossa Senhora da Conceição, ocorrida em Coimbra, a 8 de dezembro de 1320 (Azevedo, 2001).

Na simbologia cristã, a Estrela é sinal e portadora da luz. O texto bíblico está repleto de referências às estrelas: a vida eterna dos justos é descrita sob a imagem das estrelas (Dn 12,3); sem esquecer da promessa da “estrela de Judá” (Nm, 24,17), do aparecimento da “estrela de Belém” (Mt 2, 1-12) e da “coroa de doze estrelas” que a mulher revestida de sol tem na cabeça (Ap 12, 1).

Apesar da proibição da confecção de imagens (Dt 4, 9-24), encontramos, no texto bíblico, referências à possibilidade de confecção de esculturas (Rs, 6, 17-22). O II Concílio de Nicéia, convocado em 787, reconheceu a legitimidade da veneração das imagens, baseada na tradição apostólica, pelo seu valor pedagógico, por permitir rememorar fatos históricos, estimular a imitação dos representados e permitir a sua veneração. No contexto da Contrarreforma, ao reafirmar a tradição do culto das imagens, a Igreja impulsionou a sua produção ao longo dos séculos XVII e XVIII (Oliveira, 2000), período em que se insere a histórica imagem de Nossa Senhora da Estrela.

ORIGEM DA DEVOÇÃO

No Mosteiro de Nossa Senhora de Belém, mais conhecido como Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, havia um quadro retratando Nossa Senhora de Belém, um ex-voto da família real portuguesa, datado de 1553, de autoria de Francisco da Holanda (1494-1497), e uma escultura de terracota, quase de tamanho natural, representando a Virgem das Estrelas, produzida pela oficina de Andrea Della Robbia (1435-1525), ambos recolhidos ao Museu Nacional de Arte Antiga (Franco, 1992).

Nossa Senhora de Belém e Nossa Senhora das Estrelas seriam, assim, as mais antigas devoções na região do Restelo, hoje freguesia de Belém, antiga aldeia medieval, que servia de ancoradouro e estaleiro, onde haveria uma ermida dedicada a Nossa Senhora das Estrelas, protetora dos navegadores. A própria palavra Restelo seria uma corruptela de Estrela. Teria sido esta ermida que Dom Henrique teria mandado ampliar, mudando a invocação para Nossa Senhora de Belém ou Nossa Senhora dos Reis, referência aos Reis Magos, também eles guiados por uma estrela. Neste local, foi então construído o Mosteiro dos Jerônimos, cuja pedra fundamental data de 1501 ou 1502 (Pereira, 2007).

Colocando-se sob a proteção de Nossa Senhora de Belém e de Nossa Senhora das Estrelas, esperavam os portugueses que Nossa Senhora os auxiliasse a encontrar novos caminhos até a Índia, o que se evidencia pelo lançamento da pedra fundamental ter ocorrido no dia 6 de janeiro, celebração do Dia de Reis, alusão os reis do oriente que ofereceram ao Menino Jesus as riquezas de suas terras (Mt 2, 1-12).

Frei Agostinho situa a origem da devoção à Nossa Senhora da Estrela ao tempo da construção do Santuário de Nossa Senhora da Estrela de Marvão, pelos franciscanos, no século XV, ficando a imagem em alguma capela de tábuas ou na lapa onde foi encontrada, enquanto se erguia a igreja e o convento, que teria entrado em uso por volta de 1457 (Santa Maria, 1711).

A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão, construídos fora dos muros da cidade, revelam que ali não havia mais o ambiente de guerras que caracterizaram o período da Reconquista (718-1492), com suas “igrejas-fortalezas”. A devoção está associada à origem da própria freguesia e vila de Santa Maria de Marvão. Quando os muçulmanos ocuparam a região, depois da vitória na Batalha de Guadalete (711), os habitantes de Marvão procuraram a proteção das Astúrias, esvaziando a cidade. As imagens sacras que não conseguiram levar consigo foram escondidas para evitar profanação. Um pastor de ovelhas, por volta de 1110, foi surpreendido pelo brilho incomum de uma estrela, fenômeno que se repetiu durante várias noites. Ao subirem no cume do monte, descobriram a imagem da Virgem Maria oculta em uma pequena gruta. Por volta de 1258, no mesmo local, já havia além de uma pequena

capela, uma casa franciscana (lembrando que a Ordem dos Franciscanos chegou em Portugal entre 1213 e 1217), mas a fundação do convento de Nossa Senhora da Estrela só foi autorizada pelo Papa Nicolau V, a 7 de julho de 1448 (Balesteros, 1991).

A história se repete, por exemplo, para a origem do Santuário de Nossa Senhora da Estrela de Monte Minhoto, na Vila de Sertã, onde outra imagem teria sido encontrada por pastores que seguiram a luz de uma estrela, depois da expulsão dos muçulmanos. No local, foi construída uma capela, com três altares, no altar-mor sendo colocada a imagem da padroeira e em laterais, as de Sant'Anna e Santo André (Santa Maria, 1711).

Nossa Senhora da Estrela está associada, assim, às invocações que se referem a aparições da Virgem Maria ou de suas imagens, a exemplo de Nossa Senhora do Rosário, cujo culto decorre de uma aparição a São Domingos. Nessa classificação se inserem também os títulos de Nossa Senhora do Pilar, de origem espanhola, e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, surgido na Itália. No mundo luso-brasileiro, assim como na Europa medieval, são recorrentes as notícias do aparecimento inesperado de imagens sacras, podendo ser citadas as de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em 1717, encontrada no Rio Paraíba do Sul, em São Paulo, e de Nossa Senhora Aparecida de Cabo Frio, em 1721, encontrada entre rochedos no atual Município de Arraial do Cabo. Fenômeno típico da religiosidade popular, a aparição era considerada sinal de bênçãos (Azevedo, 2001).

A devoção à Virgem Maria no Brasil está relacionada notadamente ao processo de colonização do país, onde Nossa Senhora da Conceição parecer ser o título mais comum. Alguns títulos estão ligados a uma proteção especial, a exemplo de Nossa Senhora da Natividade e de Nossa Senhora do Bom Parto para as parturientes. Nesse contexto, as ordens religiosas foram importantes na difusão de suas devoções de preferência: Nossa Senhora dos Anjos (franciscanos) e Nossa Senhora do Carmo (carmelitas). Com o título de Nossa Senhora da Estrela, em Inhomirim, não foi diferente, remontando sua origem à passagem do século XVII para o século XVIII.

ICONOGRAFIA

Para compreendermos a intenção do santeiro e sabermos o que a imagem representa, a iconografia é importante. Podemos reconhecê-la pelo seu tipo, traje, atitude ou atributos. O número de invocações à Virgem Maria, no Brasil, é muito grande, e apresenta características bem típicas, a exemplo da posição das mãos, nos casos de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Assunção e Nossa Senhora das Mercês. Em sua maioria, as identificamos pelo

atributo, bastando-nos citar Nossa Senhora do Rosário segurando o rosário na mão direita (Herstal, 1956).

A imagem mais antiga encontrada na Igreja e Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão é em pedra, com 70 cm de altura e cerca de 50 kg, datada do século XVI, sendo, provavelmente, a citada na lenda. A igreja possui também um painel de azulejos, datado de fins do século XVII e inícios do século XVIII, marcando o local onde a imagem foi descoberta (Balesteros, 1991).

Frei Agostinho de Santa Maria (1711), no tomo terceiro de seu Santuário Mariano, descreve duas imagens de Nossa Senhora da Estrela, a de Marvão e de Monte Minhoto, ambas na freguesia de Cernache do Bonjardim, onde nasceu São Nuno de Santa Maria (1360-1431).

A Nossa Senhora da Estrela de Marvão teria dois palmos, esculpida em pedra, tendo nos braços o Menino Deus, ainda muito pequeno, se comparado com a proporção da Virgem Maria. Já a Nossa Senhora da Estrela de Monte Minhoto teria pouco mais de dois palmos, também esculpida em pedra, tendo em seus braços o Menino Jesus, que pega com uma das mãos o bico do peito da Virgem Maria (Santa Maria, 1711).

As descrições de Frei Agostinho permitem-nos associar a escultura de Nossa Senhora da Estrela à tipologia das imagens de “Nossa Senhora com Menino”, nas quais a Virgem Maria segura o Menino Jesus no braço esquerdo e sustenta o atributo na mão direita, a mais comum na Vila de Magé colonial.

NOSSA SENHORA DA ESTRELA DE INHOMIRIM

Nossa Senhora da Estrela ou Nossa Senhora da Estrela dos Mares? É recorrente a confusão quanto ao título mariano, já que alguns autores referem-se à segunda forma, sem, contudo, observar a sua historicidade. Os textos de Frei Agostinho e de Monsenhor Pizarro mostram-nos que o correto é Nossa Senhora da Estrela.

Frei Agostinho de Santa Maria (1723), no tomo décimo de seu Santuário Mariano, a denomina Nossa Senhora da Estrela de Inhomirim, informando que o acesso ao santuário dava-se pelas águas do Rio Inhomirim. O construtor da capela, Simão Botelho, irmão de Baltazar Botelho, natural da Bahia, teria ainda doado terras para gerar a renda necessária para a manutenção do culto. Ele descreve a imagem da padroeira, colocada no altar-mor, como de madeira estofada e que mostra muita majestade, tendo sobre o braço esquerdo o Menino Jesus (Santa Maria, 1723).

Também Monsenhor Pizarro, no relatório de sua visita pastoral à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim, em 1794, chama-a de Nossa Senhora da Estrela. O visitador

atribui a Clara de Oliveira a fundação da capela e a doação das terras circunvizinhas que constituem o seu patrimônio, com base em escrituras de compra e venda que lhe foram apresentadas, ressaltando não ter tido acesso às provisões que autorizaram a sua construção e a celebração de missas. Registra ainda que a fazenda foi vendida algumas vezes, ao longo do século XVIII, ficando cada novo proprietário responsável pela administração da capela, reedificada depois de 1784. Erguida em pedra e cal, teria apenas um altar, no qual estava colocada a imagem da padroeira (Araújo, 2009).

Já em suas “Memórias Históricas do Rio de Janeiro”, obra publicada originalmente nos anos 1820, Monsenhor Pizarro confirma o título mariano de Nossa Senhora da Estrela, mas informa que a capela teria sido fundada há mais de 150 anos, em sítio sobranceiro ao rio e porto de Inhomirim, por Simão Botelho, irmão de Baltazar Botelho (Araújo, 1945).

Há quem defenda o título de Nossa Senhora da Estrela dos Mares, afirmando remontar ao tempo das grandes navegações, no século XVI, recordando os títulos de Nossa Senhora da Ajuda e de Nossa Senhora do Amparo, invocados pelos navegadores (Alonso, 2000). Portugueses e espanhóis que se aventuraram cruzando oceanos nas caravelas recorreram, de fato, à proteção da Virgem Maria sob diferentes invocações – Nossa Senhora dos Mares, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora dos Navegantes etc. –, mas as fontes apontam em outra direção, no caso de Inhomirim.

Os relatos de Frei Agostinho e de Monsenhor Pizarro sinalizam para a antiguidade do culto à Nossa Senhora da Estrela, em Inhomirim, entre o final do século XVII e o início do século XVIII, bem como para o fato da construção da capela ter se dado por iniciativa de um devoto popular.

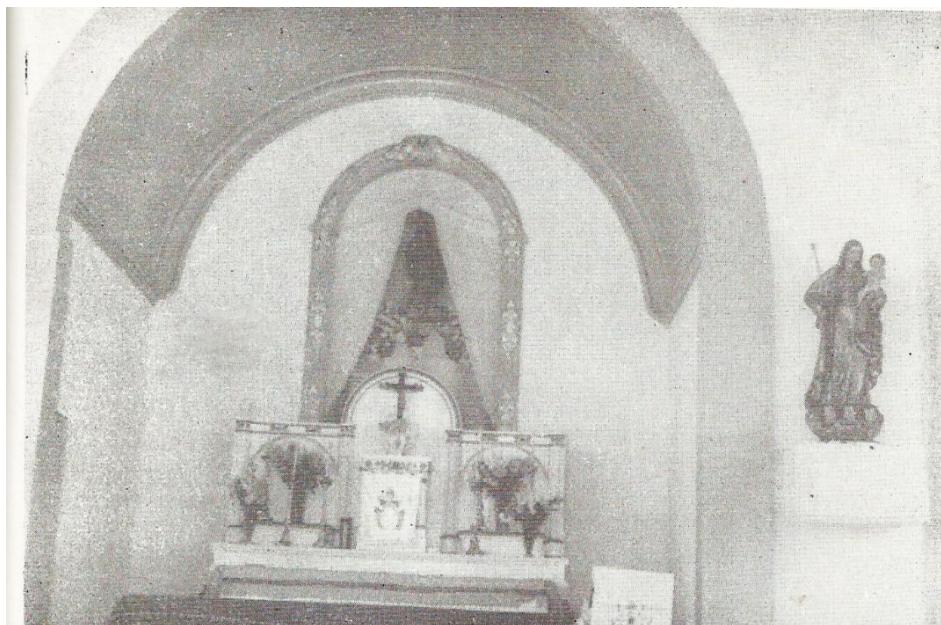
Frei Aniceto Kroker, OFM, que foi pároco em Inhomirim, entre 1945 e 1946, menciona que, em 1897, a paróquia foi entregue aos religiosos do Convento Franciscano de Petrópolis, que transferiram as imagens sacras da capela do porto da Estrela para Raiz da Serra, abrigando-as no oratório da Fábrica de Pólvora da Estrela. É que a capela já estava em processo de arruinamento, depois que o arraial começou a ser abandonado pela população no final do século XIX (Kroker, 1946).

A decadência e o arruinamento do arraial de Estrela estariam associados a uma conjugação de fatores: o avanço da Estrada de Ferro Dom Pedro II para o interior da província, escoando a produção diretamente para o Rio de Janeiro; a mudança da rota comercial para o Porto de Mauá, onde passageiros e mercadorias embarcavam nos trens da Estrada de Ferro Mauá em direção a Petrópolis; o desinteresse das autoridades em continuar custeando o desassoreamento do Rio Inhomirim; a abolição do trabalho cativo, em 1888, que teria

impactado toda a região do recôncavo da Baía de Guanabara; e as mortes provocadas pela malária (Pondé, 1972).

Em 1970, o General Azevedo Pondé, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, esteve na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Raiz da Serra, onde, no lado esquerdo do arco-cruzeiro, a histórica imagem de Nossa Senhora da Estrela (Figura 2) estava exposta em uma peanha (Pondé, 1972).

Figura 2 – Altar-mor da Igreja de Raiz da Serra, vendo-se Nossa Senhora da Estrela no lado esquerdo do arco-cruzeiro



Fonte: Pondé, 1972.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição de Raiz da Serra teve sua pedra fundamental lançada em 1906, em terras que foram da Fábrica da Estrela, quando passou a servir provisoriamente como Matriz de Inhomirim. Em 1965, a sede paroquial foi transferida para a Capela de Nossa Senhora Aparecida de Piabetá e o território paroquial reduzido com a criação da Paróquia de Raiz da Serra. Finalmente, em 2001, a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim teve sua denominação alterada para Nossa Senhora Aparecida de Piabetá, por decreto de Dom José Carlos de Lima Vaz, Bispo de Petrópolis (Leal, 2006).

O pesquisador Luís de Oliveira fotografou a histórica imagem de Nossa Senhora da Estrela, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Raiz da Serra, em 1º de maio de 1974 (Figura 3). A fotografia faz parte da Coleção José Kopke Fróes, adquirida, em 1991, pelo Museu Imperial.

Figura 3 – Nossa Senhora da Estrela

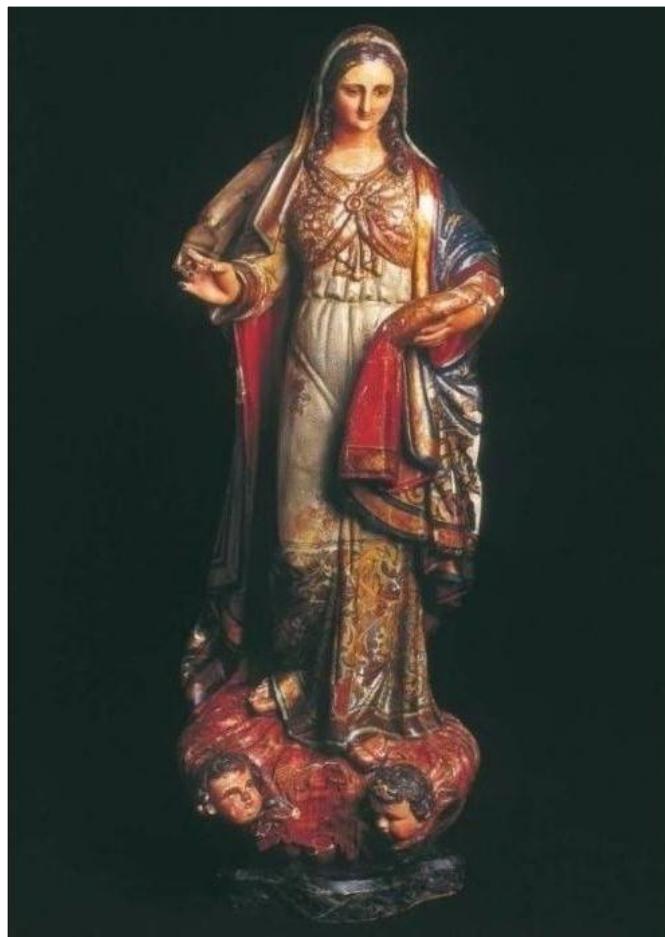


Fonte: Museu Imperial, Petrópolis, Coleção José Kopke Fróes.

Ladrões entraram na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Raiz da Serra, em 1980, e furtaram o cetro de prata com uma estrela na ponta, que ficava na mão direita da imagem de Nossa Senhora da Estrela, o Menino Jesus que ficava no braço esquerdo e ainda arrancaram a cabeça de um dos querubins (Leal, 2006).

A histórica imagem de Nossa Senhora da Estrela (Figura 4), mesmo danificada, participou da exposição “Devoção e Esquecimento”, realizada na Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, em novembro de 2001, que reuniu exemplares da imaginária devocional das paróquias de Duque de Caxias, Magé e Nova Iguaçu, representativas dos séculos XVII a XIX.

Figura 4 – Nossa Senhora da Estrela



Fonte: Lazaroni, 2001.

A imagem de Nossa Senhora da Estrela de Inhomirim, datada do século XVIII, em madeira entalhada, policromada e dourada, medindo 130 cm x 51 cm x 40 cm, sem autoria conhecida, apresenta uma iconografia recorrente na tipologia das imagens de “Nossa Senhora com Menino”.

A posição de Nossa Senhora é ereta e veste uma túnica; o véu lhe cobre a cabeça e cai até os pés, parcialmente visíveis. Apresenta estofamento (imitação dos tecidos) dando-nos a noção de tecidos nobres. A Virgem Maria olha para baixo, na direção do fiel, o que nos indica ser uma imagem retabular, de cunho devocional, já que era para ser exposta no altar-mor. A sua expressão fisionômica remete-nos à serenidade. A peça religiosa tem uma base dupla, uma peanha na cor preta e um ambiente celestial, avermelhado, com a presença de duas cabeças angélicas (a terceira foi furtada em 1980).

A imagem de Nossa Senhora da Estrela pode ser classificada como erudita, pois suas características revelam a busca por um ideal estético, procurando representar a Virgem Maria da melhor forma, o que se verifica pelo seu movimento, atitude e panejamento.

Há vários indícios que nos permitem datá-la como do começo do século XVIII: o uso da madeira, o número de cabeças de anjos na base, a expressão de calma e serenidade, o movimento das dobras do tecido, a qualidade do estofamento, o eixo central que passa da cabeça por entre os pés.

CONCLUSÃO

O culto à Nossa Senhora da Estrela, iniciado em Portugal, por volta do século XV, atravessou o Atlântico e chegou a Magé no começo do século XVIII, pela iniciativa de um devoto, que construiu a capela em um outeiro próximo ao Rio Inhomirim.

A imagem de Nossa Senhora da Estrela, salva pelos franciscanos, no final do século XIX, é uma das poucas imagens das capelas rurais de Magé, do período colonial, que não se perdeu e permaneceu intacta até o final do século XX, quando foi vítima de vandalismo pelos ladrões que entraram na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Raiz da Serra.

As características técnicas e formais da escultura estão relacionadas não só à adequação iconográfica, mas também ao seu uso retabular, no altar-mor da Capela de Nossa Senhora da Estrela, podendo ser associada ao estilo “nacional português”.

A imagem de Nossa Senhora da Estrela de Inhomirim é uma herança da religiosidade popular colonial que mantém, no século XXI, a sua função religiosa original, devendo ser ressaltado o valor histórico, artístico e cultural que lhe foi sendo agregado ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, José Inaldo. *Notas para a História de Magé*. Niterói: J. I. Alonso, 2000.
- ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Memórias históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. v. 3.
- ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *O Rio de Janeiro nas visitas pastorais de Monsenhor Pizarro: inventário da Arte Sacra Fluminense*. Rio de Janeiro: INEPAC, 2009. v. 2.
- AZEVEDO, Manuel Quitério de. *O culto a Maria no Brasil: História e Teologia*. Aparecida, SP: Santuário, 2001.
- BALESTEROS, Carmen. Apontamentos para a história do Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão. *Ibn Maruán*, Marvão, n. 1, p. 27-58, 1991.
- FRANCO, Anísio (coord.). *Jerônimos, 4 séculos de pintura*. Lisboa, PT: Secretaria de Estado de Cultura, 1992. v. 2.
- HERSTAL, Stanislaw. *Imagens religiosas do Brasil*. São Paulo: Edição do Autor, 1956.
- KROKER, Aniceto. *Inhomirim, 250 anos de Paróquia*. Petrópolis: Vozes, 1946.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Guanabara*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.
- LAZARONI, Dalva (coord.). *Devoção e Esquecimento: presença do Barroco na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Casa França-Brasil, 2001. (Catálogo).

LEAL, Maria Beatriz. “- *Recordo-me de ti, terra bendita!*”: centenário da Matriz de Raiz da Serra (1906-2006). Rio de Janeiro: Vide, 2006.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A imagem religiosa no Brasil. In: MOSTRA do Redescobrimento: Arte Barroca (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

PEREIRA, Paulo. *Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: Scala, 2007.

PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *O Porto da Estrela*. Rio de Janeiro: IHGB, 1972.

RIO DE JANEIRO (Estado). Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana. *Inventário dos Bens Culturais do Município de Magé*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1984.

RIO DE JANEIRO (Estado). Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. *Guia dos bens tombados pelo Estado do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: INEPAC, 2012.

RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins, 1940.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goiás*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SANTA MARIA, Agostinho. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*: tomo primeiro. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram, 1707.

SANTA MARIA, Agostinho. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*: tomo terceiro. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram, 1711.

SANTA MARIA, Agostinho. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*: tomo quarto. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram, 1712.

SANTA MARIA, Agostinho. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*: tomo quinto. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram, 1716.

SANTA MARIA, Agostinho. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*: tomo sexto. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram, 1718.

SANTA MARIA, Agostinho. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*: tomo décimo e último. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram, 1723.

SANTOS, Renato Peixoto dos. *Magé, terra do Dedo de Deus*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

VAHIA, Bartolomeu José. Relação das declarações que se fizeram no Distrito de Inhomirim, do Terço de que é Mestre de Campo Bartolomeu José Vahia, na conformidade das ordens do Ilm.^º e Ex. ^º Sr. Marquês Vice-Rei. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 76, tomo I, 1915.